

“A minha vida são eles” a individualização na construção identitária da mulher

Piedade Lalanda¹

0. Introdução

O texto agora apresentado integra uma investigação de doutoramento cujo objectivo central é o de compreender em que medida as mulheres constroem a sua *identidade* através da conjugalidade e do nascimento do primeiro filho. Olhar o espaço pessoal no quadro da construção identitária feminina significa descobrir o lugar que as mulheres reservam para si mesmas, no quadro estrutural dos laços em que se inserem (relação conjugal, maternal, familiar, profissional, entre outras). Até que ponto existe ou é possível identificar um processo de individualização no contexto familiar?

A introdução do conceito de *individualização* na análise sociológica implica um novo olhar que considere o *indivíduo* como lugar de observação da realidade social. A pesquisa da dimensão pessoal do espaço, no quadro da construção identitária, implica por sua vez considerar como premissa de base o facto de não existir *identidade* sem interacção, logo não existe espaço pessoal que se reduza ao isolamento ou à própria dimensão biofísica do ser humano.

A *relação consigo mesmo* ao contribuir para a construção da *identidade* individual e colectiva, contribui também para a própria definição dos grupos e da sociedade. Cada indivíduo é ao mesmo tempo um actor social e um *actor de si mesmo* (R.Sainsaulieu), capaz de ter *consciência* (memória) *de um “eu”* que se organiza na comunidade a que pertence (G.Mead). É por isso sempre na relação com um outro que se constrói um eu, num confronto sistemático entre o *idêntico* e o *diferente* (P.Tap). Nesse sentido, falar de espaço pessoal representa introduzir na análise da construção identitária a própria *reflexividade* necessária à descoberta da *autoidentidade* (Giddens), sem a qual dificilmente cada indivíduo é capaz de *ser alguém para si mesmo* (G.Mead).

A afirmação do espaço pessoal representa a emergência de um tempo individual que rompe com a rotina e contrasta com o tempo colectivizado pelas dinâmicas sociais, quer sejam o trabalho, a família ou outras.

Será generalizável a existência ou a consciência de um tempo/espaço pessoal?

Que mulheres possuem um tempo pessoal? Em que contextos sociais ele se manifesta ou que valores estão subjacentes à sua emergência? Será que esta dimensão do tempo é encarada como um direito da mulher, em contexto familiar ou, pelo contrário, é entendida como algo de *ilegítimo*?

Há nesta reflexão dois eixos que norteiam a nossa pesquisa:

- o *não dito* das mulheres em termos da sua relação com a casa, com o marido e em particular com os filhos;
- a importância do *espaço pessoal* como margem de afirmação individual, perante a dualidade casa-emprego ou mesmo família-participação social e política, tantas vezes discutidas sob o tema da *conciliação familiar*.

Esta problemática questiona a *partilha de tarefas*, para além da simples lógica matemática que contém a expressão “divisão de tarefas”. Do nosso ponto de vista, e considerando as narrativas agora analisadas, a análise desta

¹ Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
Assistente de investigação

problemática (partilha das tarefas domésticas ou educativas) implica questionar sobre a existência, no espaço familiar, do espaço/tempo que cada membro do grupo doméstico possui para a expressão própria da sua individualidade.

Partindo dos resultados de um Inquérito sobre as famílias portuguesas onde questionamos as mulheres sobre o impacto de dois momentos de transição familiar sobre o seu tempo pessoal, entre outros indicadores, iremos depois fundamentar este conceito de “espaço/tempo pessoal” e identificar o processo de *individualização* no contexto familiar, através do discurso de mulheres que, tal como a população do inquérito, são mães e vivem na sua maioria em conjugalidade.

Podemos olhar a família de várias frentes e, se atendermos ao discurso de cada membro da família, de cada ponto de vista, teremos de certo um retrato diferente. “Num mesmo conjunto familiar, cada membro possui uma construção da sua própria família” (Gullestad, M.) Por isso, é bom notar que este é um olhar de mulheres sobre a sua própria realidade familiar, que exclui a interrogação sobre a experiência masculina.

1. Breve introdução metodológica

Este texto enquadra-se numa investigação mais alargada sobre as questões da identidade das mulheres, nomeadamente o modo como estas se constroem em e através de dois momentos de transição familiares, o início da vida conjugal e o nascimento do primeiro filho. Foi exactamente para medir o impacto destes dois momentos que questionamos as mulheres, no âmbito do Inquérito às Famílias no Portugal contemporâneo, sobre as alterações sentidas - “em que medida o casamento ou o nascimento do/a seu/sua primeiro/a filho/a alterou o seu *tempo pessoal* para fazer o que lhe apetecia?” (Q.57.9 e Q.70.9). As respostas obtidas permitem avaliar por um lado a intensidade da alteração, se para mais, para menos ou sem alteração e, por outro lado, avaliar o sentimento que essa alteração de intensidade provocou, ou seja se foi sentido como positivo, negativo ou indiferente. Daí resultam nove combinações de resposta possíveis. As respostas, assim codificadas, às duas questões referidas, obtidas junto das inquiridas dos Açores e de Lisboa², irão constituir um ponto de partida para análise desta dimensão identitária que, depois, procuraremos explorar em termos de conteúdo e de significado através de entrevistas realizadas nos mesmos campos de estudo.

A população em estudo neste inquérito, realizado entre Maio e Junho de 99, corresponde a três amostras representativas, do continente português (1667 indivíduos), dos Açores (712 indivíduos) e de Lisboa (739 indivíduos) cuja idade média da mulher é 38,5 anos, vivendo em conjugalidade e possuindo pelo menos um filho entre os 6 e os 16 anos. Neste texto faremos apenas referência aos resultados obtidos em Lisboa e nos Açores, por nos parecer mais pertinente a comparação regional.

No âmbito da pesquisa qualitativa foram inquiridas 49 mulheres (28 em Ponta Delgada e 21 em Lisboa), todas elas mães de pelo menos um filho na mesma faixa etária, vivendo ou não actualmente em conjugalidade. As entrevistas foram realizadas entre Julho de 98 e Março de 99.

² As amostras em causa são representativas da população destas duas regiões portuguesas.

2. O tempo pessoal – um espaço que se perde com os filhos

2.1 – O início da vida conjugal

De um modo geral, as mulheres dos Açores e de Lisboa sentiram que o início da vida conjugal lhes retirou tempo pessoal (ver quadros 1 e 2) facto que é sentido por cerca de um quarto ambas as populações como algo de negativo (ver gráfico 1). Há no entanto a considerar que, algumas mulheres açorianas, registaram um ganho de tempo com o casamento, sentido como positivo. Esse ganho positivo pode significar a importância do casamento, neste contexto, como forma de libertação de uma realidade familiar anterior, onde a rapariga não tem direito a um espaço pessoal e contribui, de forma clara, para a sobrevivência da família de orientação, muitas vezes interrompendo precocemente os estudos.

Quadro 1 - Alteração do tempo pessoal sentida pelas mulheres dos Açores no início da vida conjugal

SENTIDO ATRIBUÍDO	POSITIVO		NEGATIVO		INDIFERENTE		TOTAL	
	fr	%	fr	%	fr	%	fr	%
para mais	73	11,2	8	1,2	12	1,8	93	14,3
para menos	64	9,8	170	26	92	14,1	326	50.1
ficou igual	109	16,7	3	0,5	119	18,2	231	35.5
Total N	247	37,9	182	27,9	225	34,4	650	100

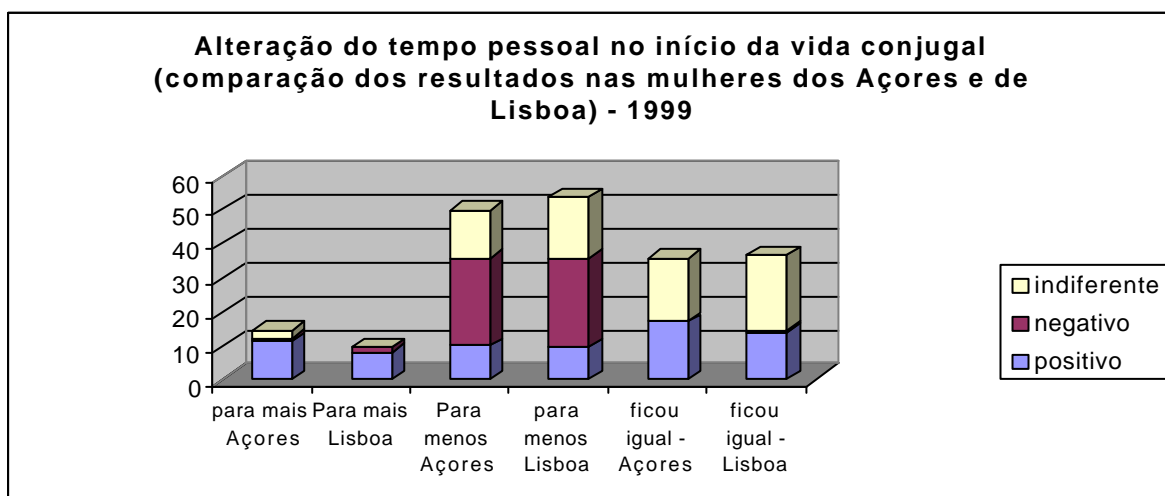
Fonte: inquérito - "Famílias no Portugal contemporâneo"-1999

Quadro 2 - Alteração do tempo pessoal sentida pelas mulheres de Lisboa no início da vida conjugal

SENTIDO ATRIBUÍDO	POSITIVO		NEGATIVO		INDIFERENTE		TOTAL	
	fr	%	fr	%	fr	%	fr	%
para mais	55	7.9	10	7.4	1	0.1	66	9.4
para menos	66	8.9	181	24.5	128	17.3	375	53.7
ficou igual	98	13.3	2	0.3	157	21.2	257	36.8
Total N	219	30.1	193	32.2	286	38.6	698	100

Fonte: inquérito - "Famílias no Portugal contemporâneo"-1999

Gráfico 1



Fonte: inquérito - "Famílias no Portugal contemporâneo"-1999

Atendendo aos valores mais significativos nas duas amostras, podemos verificar a homogeneidade das respostas das mulheres, dos Açores e de Lisboa, perante a questão do impacto do início da vida conjugal no seu tempo pessoal. (gráfico 1)

2.2 - O nascimento do 1º filho

Se observarmos as respostas dadas em relação ao outro momento de transição familiar estudado, o nascimento do primeiro filho, verificamos que o sentimento de perda de tempo pessoal é manifestamente superior. No entanto, essa perda não é sentida por todas como negativa, havendo uma percentagem significativa de mulheres, sobretudo entre as lisboetas que a viveram como positiva (20,8%) (quadro 4). A percentagem de mulheres que ganha tempo pessoal com o nascimento do primeiro filho é diminuta, no entanto é superior para as mulheres dos açores que consideram, mais do que as lisboetas como um ganho positivo.

Quadro 3 - Alteração do tempo pessoal sentida pelas mulheres dos Açores no nascimento do primeiro filho

SENTIDO ATRIBUÍDO ALTERAÇÃO SENTIDA	POSITIVO		NEGATIVO		INDIFERENTE		TOTAL	
	fe	%	fe	%	fe	%	fe	%
para mais	38	5,5	4	0,6	6	0,9	48	6,9
para menos	95	13,6	194	27,9	133	19,1	422	60,6
ficou igual	82	11,8	1	0,1		20,5	226	32,5
Total (N)	215	19,2	199	28,6	282	40,5	696	100

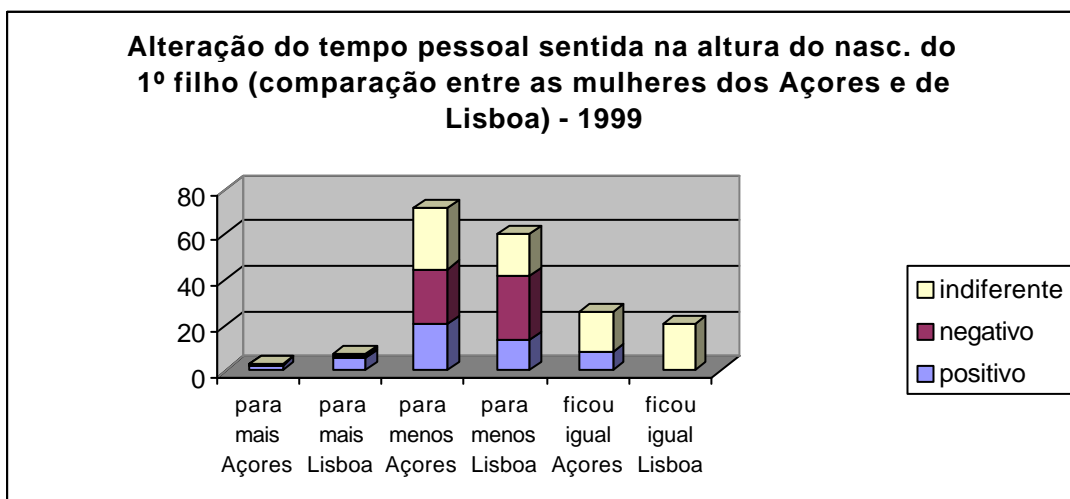
Fonte: inquérito - "Famílias no Portugal contemporâneo" -1999

Quadro 4 - Alteração do tempo pessoal sentida pelas mulheres de Lisboa no nascimento do primeiro filho

SENTIDO ATRIBUÍDO ALTERAÇÃO SENTIDA	POSITIVO		NEGATIVO		INDIFERENTE		TOTAL	
	fe	%	fe	%	fe	%	fe	%
para mais	18	2,5	2	0,3	0	0	20	2,8
para menos	152	20,8	175	24	196	26,8	523	71,6
ficou igual	59	8,1	3	0,4	125	17,1	187	25,6
Total (N)	229	31,4	180	24,7	321	43,9	730	100

Fonte: inquérito - "Famílias no Portugal contemporâneo"-1999

Gráfico 2



Fonte: inquérito - "Famílias no Portugal contemporâneo"-1999

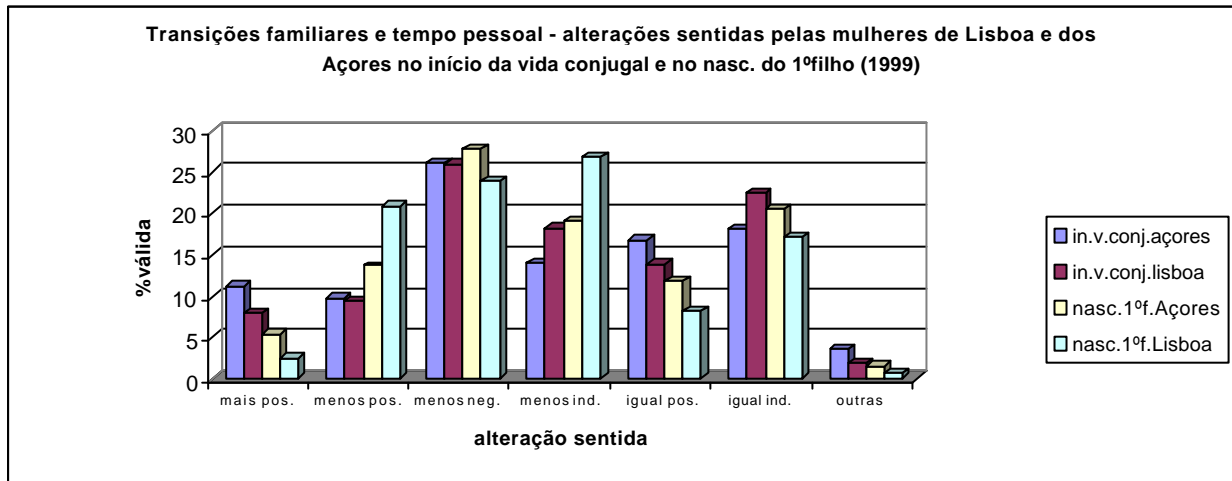
Atendendo aos valores mais significativos nas duas amostras, podemos verificar a diferença de respostas mulheres, dos Açores e de Lisboa, perante a questão do impacto do nascimento do primeiro filho no seu tempo pessoal (gráfico 2). Por um lado as mulheres de Lisboa consideram a perda mais positiva ou indiferente do que as dos Açores.

No entanto é entre as mulheres açorianas que se registam respostas de ganho de tempo pessoal, positivo, com o nascimento do primeiro filho.

2.3 - Entre o início da vida conjugal e o nascimento do 1º filho

Comparando os dois momentos de transição, para as duas regiões em estudo (gráfico 3), verificámos que o nascimento do primeiro filho reduz de um modo generalizado o tempo pessoal das mulheres, no entanto para algumas destas mulheres essa perda de tempo pessoal ganha com o filho, sentido positivo, sobretudo para cerca de 20% das entrevistadas de Lisboa. Ao invés do início da vida conjugal, o número de mulheres que refere ter ganho tempo para si com o nascimento do 1º filho é diminuto.

Gráfico 3



Fonte: inquérito - "Famílias no Portugal contemporâneo" - 1999

2.4 – Transições familiares e alteração do tempo pessoal (perder ou ganhar tempo) em duas regiões portuguesas (Açores e Lisboa)

Os resultados agora apresentados permitem-nos concluir que as transições familiares são, na vida destas mulheres, momentos em que se altera o seu tempo pessoal, ou seja o tempo que poderiam reservar para si próprias. Entre os dois momentos estudados, o nascimento do primeiro filho contribui de forma mais significativa para essa perda, no entanto, como vimos nem sempre sentida como negativa.

Na tentativa de compreendermos as respostas dadas iremos cruzar estes resultados com as variáveis escolaridade e condição perante o trabalho das inquiridas nas duas amostras.

2.4.1 - nível de escolaridade

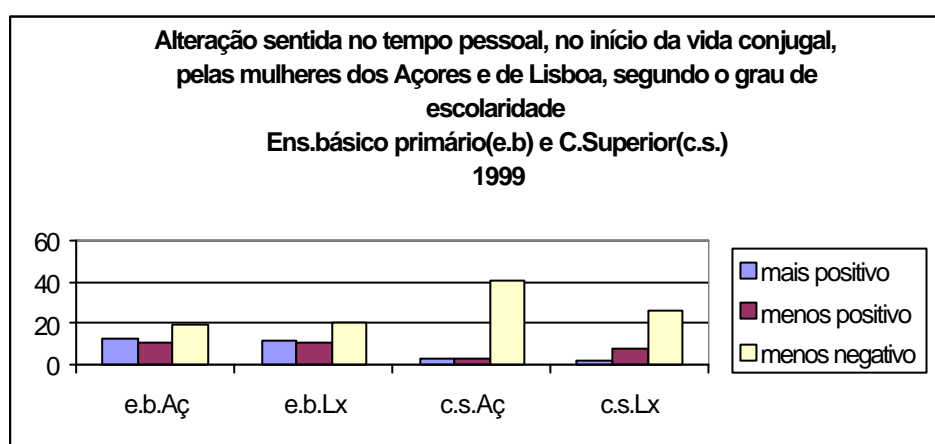
Em termos do nível de escolaridade, as mulheres inquiridas têm, na sua grande maioria, o nível básico primário. Daí que, iremos confrontar estas

mulheres com as que possuem um curso médio ou licenciatura, que englobamos numa categoria denominada curso superior.

De um modo geral, o grau de escolaridade da mulher influencia o modo como ela sente o impacto da transição no seu tempo pessoal. Para facilitar a leitura dos dados iremos centrarmos-nos apenas nas respostas que apontam o aumento ou a perda do tempo pessoal.

Como podemos verificar pelo gráfico 4, as mulheres mais escolarizadas vivem o início da vida conjugal de modo diferente das que apenas possuem o ensino básico. A perda de tempo pessoal é vivida, pelas primeiras, de forma mais negativa, em particular pelas mulheres dos Açores. Ao mesmo tempo que casam estas mulheres, cuja média de idade (24,5 anos nos Açores e 25 anos em Lisboa) é superior às anteriores, com o ensino básico primário (20,4 anos nos Açores e 21,8 anos em Lisboa) sentem mais o seu espaço pessoal reduzido.

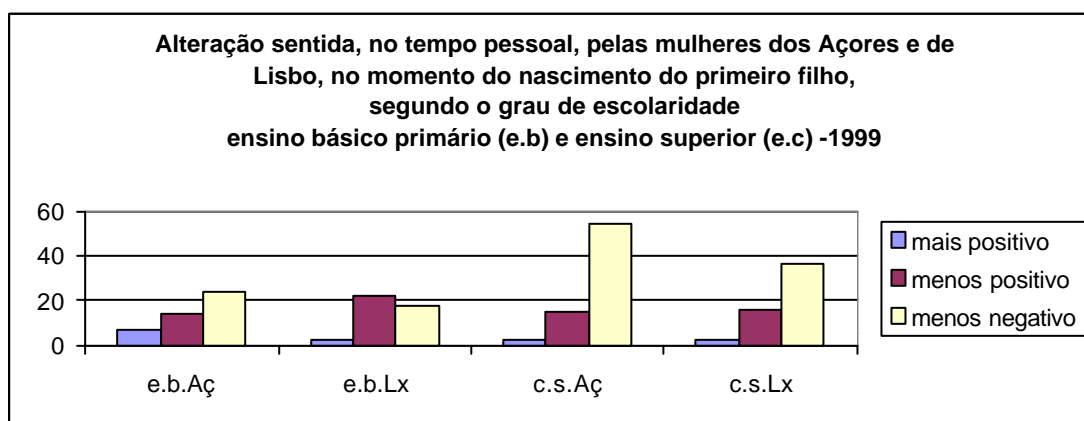
Gráfico 4



Fonte: inquérito "Famílias no Portugal contemporâneo" - 1999

Se olharmos os resultados respeitantes ao momento do nascimento do primeiro filho, verificamos de novo que as mulheres mais escolarizadas são também as que manifestam terem perdido tempo pessoal e terem sentido isso como negativo.

Gráfico 5



Fonte: Inquérito "Famílias no Portugal contemporâneo" - 1999

2.4.2 - Alteração do tempo pessoal e condição da mulher perante o trabalho no nascimento do primeiro filho.

A análise das respostas dadas em termos da Alteração do tempo pessoal na altura do nascimento do primeiro filho, tendo em conta a condição perante o trabalho da mulher, permite-nos verificar que as respostas dadas em termos de valorização positiva da perda de tempo, correspondem a mulheres mais escolarizadas, domésticas. (Quadros 7 e 8) de um filho contribui de algum modo a dar um sentido à vida doméstica, por ventura demasiado centrada até então na lida da casa.

Quadro 7 - Alteração sentida no tempo pessoal, no nascimento do primeiro filho, tendo em conta o nível de escolaridade e a condição perante o trabalho da mulher dos Açores - 1999

alteração sentida	< Ens. Bás.prim.		Ens.Bás. Primár.		Ens. Bás. Prep.		Ens. Bás.unif.		Ens. Secundário		Ens. superior	
	Domést.	Activa	Domést.	Activa	Domést.	Activa	Domést.	Activa	Domést.	Activa	Domést.	Activa
Pra mais - positivo	10,3	9	8,7	2,9	3,5	6	0	3,1	0	3,4	0	0
Para mais (neg.ou ind.)	3,4	0	1,5	1	0	2	0	0	0	0	0	25
para menos - positivo	20,6	0	15,8	8,6	10,5	4	50	18,8	50	13,8	0	0
Para menos - negativo	13,8	18,2	33	36,5	24,4	30	37,5	31,2	50	44,8	0	50
Para menos -indiferente	24,1	27,3	15,3	12,5	22	32	12,5	21,9	0	17,2	0	25
Ficou igual (pos.neg. ou ind.)	17,2	45,5	39,3	38,5	39,5	26	0	25	0	20,7	0	0
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

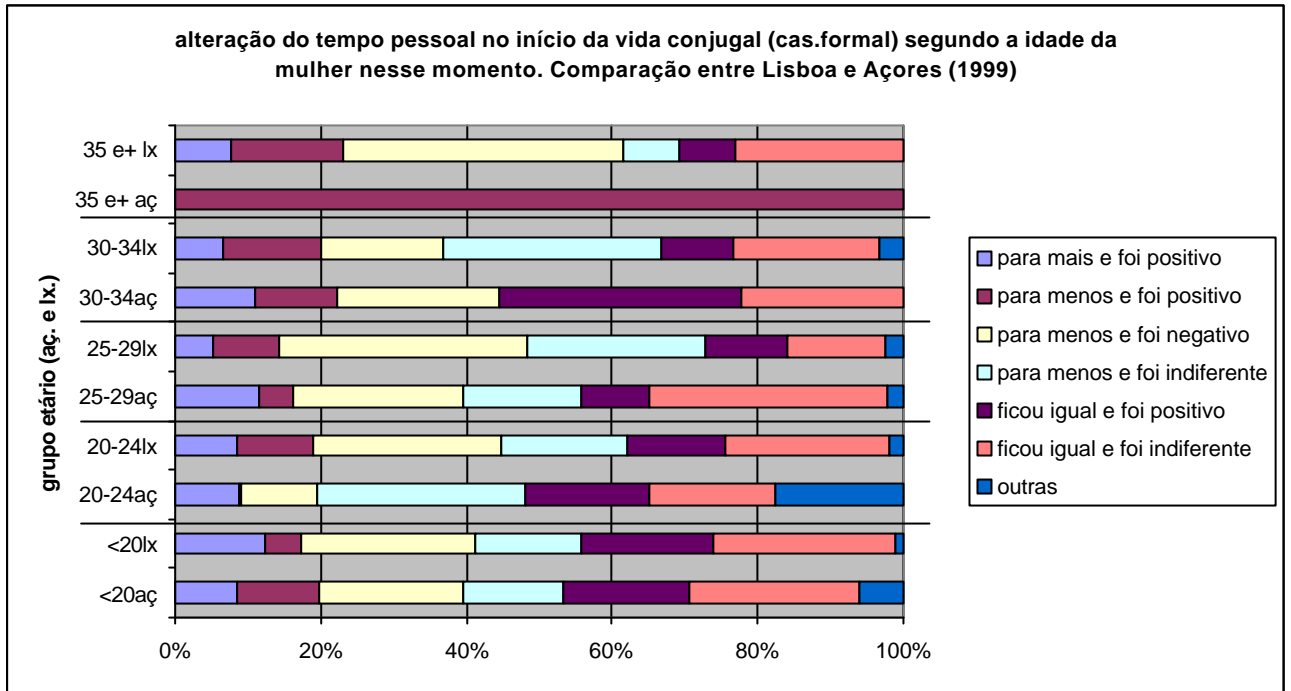
Quadro 8- Alteração sentida no tempo pessoal, no nascimento do primeiro filho, tendo em conta o nível de escolaridade e a condição perante o trabalho da mulher de Lisboa - 1999

alteração sentida	< Ens. Bás.prim.		Ens.Bás. Primár.		Ens. Bás. Prep.		Ens. Bás.unif.		Ens. Secundário		Ens. superior	
	Domést.	Activa	Domést.	Activa	Domést.	Activa	Domést.	Activa	Domést.	Activa	Domést.	Activa
Pra mais - positivo	9,7	5,3	7,5	3	2,9	4	0	1	0	2,7	0	2
Para mais (neg.ou ind.)	3,2	0	1,3	0,8	0	2	0	0	0	0	0	2
para menos - positivo	19,3	15,8	15,5	17,6	12,5	13,8	28,6	23,1	66,7	13,3	0	10,4
Para menos - negativo	12,9	10,5	20,8	24,1	22,1	20,3	28,6	32,6	33,3	29,3	0	54,2
Para menos -indiferente	22,5	26,3	15,5	18,8	22,1	26,8	21,4	24,2	0	30,6	0	22,9
Ficou igual (pos.neg. ou ind.)	19,3	42,1	39,3	35,6	40,4	33,3	21,4	18,9	0	24,0	0	8,3
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Os resultados agora apresentados revelam serem as mulheres domésticas as que mais positividade dão à perda de tempo pessoal, e são as menos escolarizadas que conseguem ganhar tempo para si, com o nascimento do primeiro filho.

2.5 – Alteração do tempo pessoal no início da vida conjugal e no nascimento do primeiro filho, tendo em conta a idade da mulher nesse momento de transição

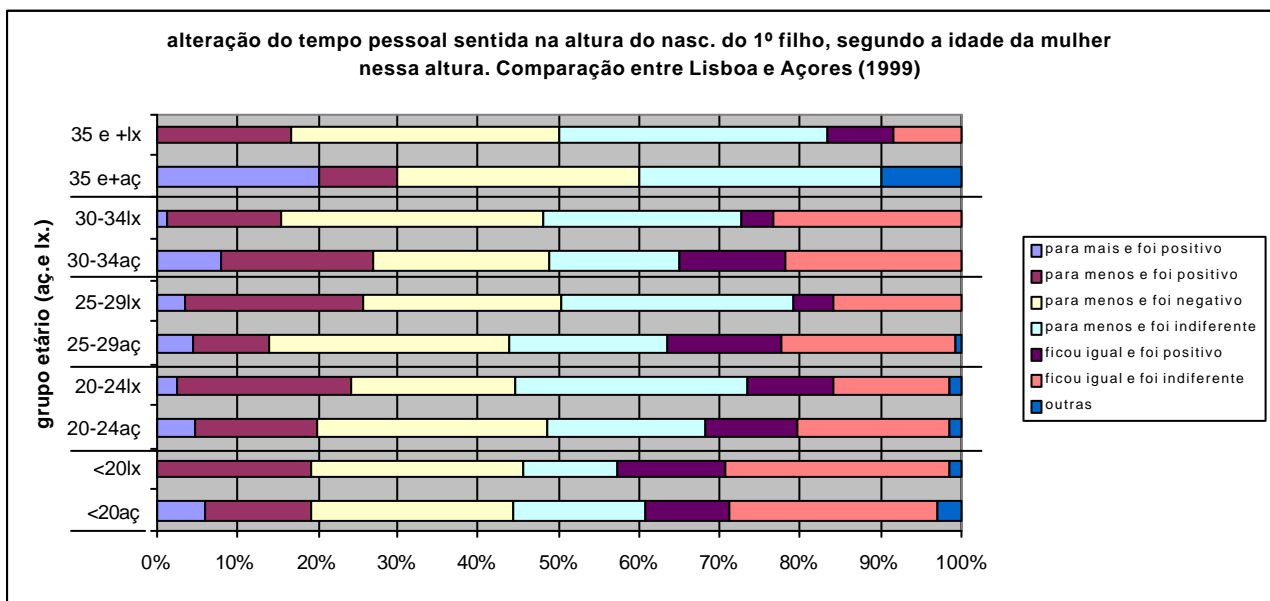
De um modo geral podemos verificar que quanto mais jovem é a mulher no momento de entrada na conjugalidade, neste caso, por via de um casamento formalizado, maior é a indiferença em relação ao impacte desta transição, ou seja apontam respostas que indicam que tudo ficou na mesma com o casamento. Ao contrário as mulheres que casam mais tarde manifestam alterações mais significativas, excepção feita às dos Açores que casaram depois dos 35, mas que representa apenas uma mulher.



Apesar de as diferenças serem pouco significativas, encontramos em todos os grupos etários um maior número de mulheres que sente o início da vida conjugal como provocando perda negativo entre as mulheres de Lisboa, quando comparadas com as dos Açores.

Se atendermos ao nascimento do primeiro filho, verificamos de novo que são as mulheres que foram mães mais jovens, as que sentem menos alterações. Por outro lado aumenta de forma evidente o número das que sentem ter perdido tempo pessoal em todos os grupos etários, sendo maior o número das que dizem sentir essa perda como negativa, entre as mulheres que foram mães pela primeira vez depois dos 25 (para as dos Açores) e depois dos 35 para as de Lisboa.

A idade sendo uma variável importante na definição da trajectória familiar, pode ser associada não só à maturidade mas sobretudo à ausência de outros projectos sedimentados, favorecendo deste modo uma maior integração das exigências da vida familiar.



Comparando os dois momentos em estudo, podemos dizer que a partir da análise desta variável “o tempo pessoal”, a vinda de um filho parece contribuir de forma mais significativa para a alteração do quotidiano da mulher, interferindo de modo mais significativo na sua transformação *identitária*.

Uma outra questão deste inquérito confirma esta conclusão, ao verificar que no quadro dos *espaços de realização* as entrevistadas consideraram hoje ser “a relação com os filhos” o principal eixo de construção das suas identidades. 91,4% das mulheres inquiridas apontaram “a relação com os/as filhos/as” como sendo um dos domínios da sua vida que mais gosto e satisfação lhes dão. E cerca de 50% desse total coloca essa relação como “a mais gratificante”.

Desta abordagem quantitativa à questão do tempo pessoal, gostaríamos de levantar algumas questões, que procuraremos responder ao longo deste texto.

- Quando questionamos as mulheres sobre o tempo pessoal, o tempo que reservam para si, para fazerem o que lhes apetece, em que consiste essa dimensão relacional?
- Como se constrói o *espaço pessoal* das mulheres? Será que elas o identificam e o possuem ou não?
- Até que ponto os outros, o marido, os filhos, invadem esse espaço ou restringem-no no quotidiano, a margens de tempo liminares? Em que medida a família, em particular a relação com os filhos é um eixo fundamental no mapa identitário das mulheres desta geração?
- Não usufruindo de um tempo pessoal, até que ponto o trabalho fora de casa pode ser entendido como uma forma de relação consigo privilegiada?
- Ter ou não ter tempo para si depende apenas de uma disponibilidade quantitativa de tempo ou de um modo de construir a identidade?

Procuraremos responder a estas questões utilizando para tal a vivência revelada nas narrativas das entrevistadas. Questionamos estas mulheres sobre a existência de um *espaço/tempo pessoal* onde pudessem fazer aquilo que lhes apetecia, independentemente do trabalho profissional ou da família.

Trata-se por isso de um olhar sobre as dinâmicas familiares, do ponto de vista das mulheres, procurando desconstruir uma estrutura de papéis socialmente reconhecidos como são o *ser mãe*, *esposa* e cada vez mais o *ser activa* e exercer uma profissão.

Que lugares de sombra se escondem entre esses grandes mundos estatutários?

Iremos basear-nos em entrevistas aprofundadas ou compreensivas, pois entendemos que os “não-ditos”, as “sombras do social”, os *entrestícios do mapa identitário* só são identificáveis através de um olhar próximo (*qualitativo*) e até íntimo, um segredo que se fala entre mulheres.

3. O *espaço pessoal* – um lugar centrado em *ego*

O *espaço pessoal* baseia-se na unidade básica que define qualquer relação – o corpo, ou seja o espaço próprio e mais privado de todos. Neste sentido o *espaço pessoal* resulta da *relação consigo mesmo*, rodeado ou não por outros e a construção desse *espaço pessoal* implica secundarizar os outros e sobrevalorizar o próprio *ego*.

À semelhança de qualquer outro espaço, só o identificamos na medida em que se trate de uma dimensão a) relacional; b) que mantenha alguma permanência, ou seja deixe marcas e possa ser reconstruído pela memória individual e colectiva; c) e permita a afirmação de uma diferença em relação aos outros, nomeadamente em relação aos outros membros do grupo a que se pertence. (Rimbaud, 1983:21). Segundo esta grelha de análise, podemos definir o *espaço pessoal*: a) pela importância que *ego* assume na definição da relação a estabelecer; mesmo que o indivíduo o situe num contexto colectivo, o *espaço*

peçoal é sempre definido a partir do *centramento no próprio* e de um afastamento ou mesmo ruptura em termos interactivos com outros indivíduos; b) pela marca que deixa ao nível da memória individual; é algo que permanece e que pode ser ocupado/utilizado regularmente; c) e, finalmente, o *espaço pessoal* permite a afirmação da pessoa enquanto indivíduo independentemente do sentir e das necessidades dos outros.

Podemos associar a análise desta dimensão à própria análise da *identidade*, na medida em que identificando espaços sociais ou pessoais, colectivos ou individuais num determinado percurso encontramos, de alguma forma, o *mapa identitário* desse actor. Aliás, Pierre Tap, ao procurar identificar as dimensões da *identidade* propõe três grandes eixos de análise: organização, história e interacção, os quais podemos interligar com as dimensões do espaço anteriormente referidas.

<i>Espaço</i> (Rambaud, 1983:21)	<i>Identidade</i> (Tap, 1991:67)
Estrutura relacional	Organização
Permanência - memória	História
Afirmação da individualidade	Interacções

Ao referir-se à organização, Pierre Tap integra a importância do projecto individual, dos espaços de realização que delimitam a própria construção da *identidade*. Por sua vez, esse *mapa* envolve sempre uma história, um *percurso* familiar, escolar, profissional, e ainda um processo de *socialização*, momentos de crise ou transição. Tratando-se da identidade há que considerar os *outros* actores, alguns *significativos*, com quem se aprende a *ser como* e a diferenciar-se.

Não ter um *espaço pessoal*, mesmo que de forma efémera ou transitória, pode significar uma menorização da própria *identidade* individual, despojando-a de uma expressão própria, resultando por vezes num sentimento de *diluição* no colectivo, como se a existência individual fosse *contaminada* pelos outros e deixasse de existir para si mesmo; em muitos casos porque se foi *trituro* a própria cultura (os hábitos e costumes, os lugares de referência) e assumindo um comportamento padrão à custa de uma *depersonalização*. A *identidade* pessoal enquanto *mapa identitário* poderá então surgir *diluída* num contexto colectivo ou seja, definida apenas pelos contextos sociais de pertença, pelos *papeis sociais*.

4. A *identidade* - o lugar para a expressão pessoal

Olhar-se como pessoa implica distanciar-se de um *habitus* incorporado; distanciamento que se manifesta, em alguns casos, na narrativa que se obtém numa entrevista em profundidade. *Contar-se* e olhar o próprio percurso, implica activar uma capacidade reflexiva e encontrar-se com a sua história e com a sua *identidade*, no que estas têm de individual e de colectivo.

Os estudos recentes sobre temáticas familiares que se baseiam em histórias de mulheres, manifestam com frequência uma importância acrescida da dedicação ao mundo doméstico, um peso do quotidiano sobre a *identidade feminina* (Commaille, 1993; Kaufmann, 1988, 1997; Singly). Até, pelo menos, aos anos 70 a História das mulheres regista, em diversos campos (familiar, laboral, jurídico ...), o assujeitamento da mulher às estruturas sociais e políticas em parte por não ser respeitados os seus direitos como cidadã, como indivíduo dotado de capacidade própria. Nesse enquadramento social e político, casar representava uma forma de assumir como espaço próprio, a família, os filhos e *uma casa* para orientar e governar.

Destinada a cuidar da família a mulher foi durante muito tempo identificada com a casa onde acabava por diluir a própria individualidade. A afirmação da mulher estava condicionada e dependia de outrem, o marido que lhe dava um

nome, que a sustentava e lhe garantia um tecto para os filhos. Não raro ouvimos falar de “destino da mulher” quando identificamos percursos de vida, em alguns casos “sem saída”, de mulheres que mantêm uma sujeição ao marido, principal garantia da sua sobrevivência.

O processo de *individualização* no seio de um colectivo qualquer, parece surgir correlacionado com o desenvolvimento da *reflexividade*, ou seja, com a capacidade de se distanciar desses contextos e de se auto-analisar, desconstruir-se em termos identitários e identificar o modo como se processa a relação entre indivíduo e grupo.

Neste caso a *individualização* da mulher nos contextos conjugal e familiar parece surgir como um processo correlacionado com a própria *autonomização* do seu lugar, enquanto indivíduo, face aos papéis familiares que, habitualmente, desempenha (*mãe e esposa*).

5. Entre papéis socialmente definidos – um espaço individual

Quando procuramos desconstruir a *identidade* é frequente recorrermos ao conceito de *estatuto/papel social* para a identificação das áreas de pertença e participação social. A *identidade* resultaria, *a priori*, desse conjunto diversificado de papéis, da sua complementaridade funcional e das competências e expectativas associadas.

Mas na realidade a questão que se coloca é saber se, em termos de *identidade* pessoal, de *auto-identidade*, podemos reduzir uma pessoa a um conjunto de papéis, de lugares socialmente definidos? François de Singly introduz o conceito de “ser-íntimo” (*soi-intime*) para apelar à importância da realidade profunda da pessoa que se distingue do “ser-estatutário” (*soi-statutaire*), este sim ligado à imagem social dos papéis desempenhados, dos estatutos socialmente definidos. Esta oposição complementar é ainda vista por este autor como algo que simultaneamente é percebido pelo próprio e pelos outros, o que representa quatro dimensões do *self*. (*ser íntimo para si e ser íntimo para os outros, ser estatutário para si e ser estatutário para os outros*).

Com a referência a estes conceitos, queremos de alguma forma identificar a existência de uma dimensão identitária que escapa ao conceito de papel socialmente reconhecido, que revela a *identidade íntima* ou *pessoal* dos actores e que de alguma forma permite o distanciamento desses mesmos actores face às expectativas sociais e quotidianas forjadas em torno de comportamentos culturalmente definidos num determinado meio.

6. O espaço doméstico, central e estruturante do quotidiano da mulher.

A procura ou a introdução de um *espaço pessoal* no mapa identitário das mulheres, vivendo em conjugalidade e com filhos, poderá representar para algumas delas, uma redução ou alteração do seu quotidiano doméstico ou seja o modo como se relacionam com as tarefas domésticas e com o cuidar dos filhos.

Há no entanto que distinguir duas dimensões na transformação desse quotidiano; por um lado, encontramos a mulher que procura afirmar-se como igual do homem, nos domínios da formação e do emprego, na actividade política ou social e, por outro encontramos as mulheres-mães, onde essa afirmação é fortemente condicionada pela relação parental, aonde o sentido da divisão de tarefas tem outras implicações identitárias. A maternidade não envolve apenas tarefas, mas e sobretudo, relações privilegiadas com alguém, neste caso com os filhos, os quais se transformam em razões, mais do que suficientes, para justificar um acréscimo de trabalho doméstico, até então sentido como penoso, conforme podemos verificar nos resultados já referidos à questão do tempo pessoal no momento do nascimento do primeiro filho.

A este propósito, François de Singly refere que, enquanto as mulheres são cada vez mais vistas como seres autónomos, livres e com direito à igualdade, quando se trata das mães, os termos utilizados mudam. “tout se passe comme si les mères constituaient un sous-ensemble des femmes tellement spécifiques qu’il était possible de leur proposer des règles contraires aux principes proclamés de manière générale » (1991:148):

A relação maternal assume no quadro da *identidade* das mulheres e da sua realização como pessoas uma importância essencial; trata-se de uma relação insubstituível mesmo quando comparada com a relação conjugal. “os parceiros vão e vem, mas as crianças ficam”(Bailey, L.1999:336). Com a fragilização das relações conjugais, a criança assume cada vez mais um lugar central e transforma o mundo envolvente da mulher. A criança muda não só a própria mulher mas a forma como ela passa a encarar a sua relação com o mundo. Utilizando os termos de Luc Bailey (1999:350-351), a mulher é reflectida através de um prisma, a gravidez, e a maternidade confere-lhe um novo sentido de coesão e um nova direcção, como se tratasse de um eixo de construção da sua própria biografia.

A condição de *mulher-mãe* assume nesta reflexão uma importância acrescida e não estamos longe da realidade se afirmarmos que a maternidade ainda mantém uma importância central na construção da *identidade* das mulheres. Um dos últimos estudos feitos aos valores na sociedade portuguesa (Almeida, Ana N. E Guerreiro, Dôres, 1993:221) 61% dos entrevistados referiram que “a mulher precisa de ter filhos para se realizar plenamente”, sendo que no caso das mulheres essa percentagem atinge 66%. Por contraste verifica-se que na Europa as respostas afirmativas atingem apenas 51%.

O nascimento de um primeiro filho define um tempo *antes* e um *depois*. Mesmo que o pólo “filhos” não seja o único referencial na construção da identidade, o *mapa de espaços*, até então existente é alterado com a entrada de uma criança na vida quotidiana de um adulto, em especial de uma mulher. Quando analisamos um mapa identitário, como se de uma “carta de viver quotidiano” tratasse, encontramos alguns espaços sobrepostos, o que implica da parte dos actores estratégias reactivas, que evitem a dispersão ou a anulação do seu *eu* nessa teia interactiva.

A introdução de um *espaço/tempo individual*, é um lugar estratégico que permite reagir à dispersão do *eu* ou à sua completa anulação em contextos colectivos. É uma forma de reagir à pressão da malha interactiva onde cada um se move o que, em consequência, modifica a relação com os outros, na medida em que desestrutura as interdependências instaladas. No caso concreto das mulheres, romper com a pressão do quotidiano doméstico implica sobretudo alterar a lógica em que este é realizado, condicionado pelos horários e pelas necessidades dos outros. Num artigo conjunto de Danielle Chabaud-Rychter, sobre o espaço e o trabalho doméstico é referido que “la mobilité des femmes est circonscrite à l’espace du travail domestique” (1985:23). Ou seja, quando não estão em casa ou no emprego, as mulheres fazem as compras necessárias à vivência doméstica, tratam de assuntos familiares ou vão buscar os filhos e levá-los ao médico, às actividades extra-escolares ou ainda dão apoio a outros membros da família alargada.

O *espaço/tempo pessoal* representa assim uma apropriação do espaço, um “controlo do tempo – essencialmente o estabelecimento de zonas de *tempo pessoal* que só têm uma remota ligação com as ordens temporais externas (o mundo rotinizado do tempo-espaço governado pelo relógio e pelos padrões de medida universalizados)”(Giddens, 1994:69).

É por isso um espaço/tempo que permite o centramento em *ego*, a *auto-realização*.

De alguma forma podemos dizer que este espaço, ao permitir a auto-realização, liberta das pressões colectivas e é também um lugar onde cada

pessoa, entre os papéis que desempenha e a necessidade de afirmação individual, *inventa-se* a si mesmo ou como refere François de Singly, “dá asas” a si mesmo sem desrespeitar a sua necessidade de raízes.

7. Ter ou não ter tempo para si

Com frequência se define a organização temporal do quotidiano pelo trabalho, as rotinas diárias (higiene, alimentação) e o chamado *tempo-livre*, definido a partir de critérios de tempo cronológico ou seja a partir de um horário que se preenche, nomeadamente com as obrigações, profissionais, familiares.

A questão que gostaríamos de aprofundar ultrapassa a própria noção de tempo-livre; livre de quem? Ou de quê?

O *tempo pessoal* até pode ser gozado durante um período que se considera de tempo ocupado mas o que permite a sua definição é sobretudo a importância que cada indivíduo confere a si mesmo, sem “remorsos e sem sentimentos de culpa”. Não é um tempo clandestino ou ilegítimo, não é um tempo que se rouba a outros, mas que se define como próprio. Terá por isso de ser um tempo que realiza ou permite a realização da *individualidade*. É por isso um tempo criativo, que confere prazer pessoal, resultante desse *tempo/espço* em que se está consigo mesmo.

Retomando as dimensões do espaço, enquanto dimensão identitária, referidas anteriormente, procuraremos analisar as narrativas destas entrevistadas identificando:

- Em que medida as mulheres reservam um espaço para si no contexto familiar?
- Que marcas ficam desse espaço enquanto lugar de auto-realização (prazer, intimidade, privacidade) ou seja em que consiste esse espaço pessoal?
- Em que medida esse espaço lhes permite uma afirmação da sua própria individualidade?

8. O tempo/espço pessoal no discurso de algumas mulheres

8.1 - Relação consigo mesma

A grande maioria das mulheres refere ser **muito raro** terem “um bocadinho” em que se encontram consigo próprias, um tempo só para si:

“acho que não consigo (...) porque só se eu tivesse só o mais pequeno, aí sim, acho que conseguia tirar uns bocadinhos só para mim. Assim com os dois eu penso que é mais difícil”(Silvia, 40 anos, casada, 2 filhos, secretária administrativa, 11ºano, Lisboa)

“eu ainda não tenho esse espaço porque (...) o divórcio só foi o ano passado e eu ainda estou a atravessar uma fase... ainda não é fácil. E preciso desse espaço (...) preciso de me encontrar ainda em muitas coisas” (Joana, 38 anos, divorciada, 2 filhos, secretária administrativa, 11ºano, Lisboa)

“geralmente é difícil, consigo porque tenho o apoio do André nesse aspecto ou quando os meus pais cá vêm ou a minha mãe” (...) “ o meu espaço sozinha, (...) é aquele bocadinho depois das aulas, mas tenho que preparar aulas , eu tenho que corrigir coisas, não chego a ter um espaço meu” (Amélia, 37 anos, casada, 2 filhas, prof. do ensino secundário, licenciada, Lisboa).

O *espço pessoal* está **condicionado** pelas necessidades dos **filhos**, pela **relação conjugal**, pelas obrigações profissionais ou pelas **tarefas domésticas**.

“acima de tudo estão as minhas filhas e continuam a estar, e que nada as prejudique, com os trabalhos, com o não sei quê... primeiro estão elas e o resto vem depois, depois”. (...) “a gente vai tacteando a vida com as nossas margens de liberdade (...) encaradas num contexto de realização e de a pessoa sentir-se feliz, isso é o mínimo” (*Andreia, 40 anos, casada, 2 filhas, professora do 2ºciclo, licenciada, P.Delgada*)

“ ou a família ou a universidade, e a família e a universidade é preciso que o meu marido aceite e o meu marido não é pessoa de aceitar. (...) ele é boa pessoa, gosta de sair, mas gosta de sair é comigo e com os filhos, (...)eu sou uma pessoa que tenho muito jeito para pintar, gostava muito (...) fiz uma exposição de trabalhos na escola, foi imensa gente (...) e uma pessoa convidou-me para a Academia das artes, ...e pronto o meu marido não aceitou. São estas coisas, pronto que eu tinha que eu sonhava, eu sonha poder...” (*Margarida, 42 anos, casada, 2 filhas, professora do 1ºciclo, bacharel, P.Delgada*)

“eu aqui nesta casa não tenho tempo (...)aqui não tenho marquise nenhum, já de si (os arraiolos) deita aquele (pó), agora se eu trago pr’a cozinha, é um sítio que se anda sempre!, o quarto das miúdas começo a olhar pr’aquilo (...) a mobília (...) é tanto pó e eu só pr’a não sujar, agora é com a preguiça de não sujar ponho-me a limpar e não faço, mas eu bem comecei, já comecei (...) Faz bem, até pintar (...) naquela hora eu pego naquilo, a pessoa relaxa, parece que ganho aquela coragem não é, depois prontos, tenho outras coisas a fazer primeiro, são coisas mais importantes que se vêem” (*Ana Maria, 33 anos, casada, 2 filhas, doméstica, 9º ano, Lisboa*)

Quando a mulher consegue introduzir alguma margem de expressão individual no seu quotidiano é interessante notar que o faz na medida em que **não colide** com o espaço definido pelos outros, ou seja a *relação consigo* é marginal e secundária e quase **entresticial**, quando comparada com a prioridade dada aos outros, em especial aos filhos:

“hoje à noite vou pela primeira vez à natação (...)é das oito às nove, não colide, porque deixo o jantar, deixo tudo preparado, é só as meninas jantarem com o pai, nove horas é a hora mais ou menos que eu chego, é a hora de elas começarem a escovar dentes e aqueles preparativos” (*Amélia, 37 anos, casada, 2 filhas, prof. Do ensino secundário, licenciada, Lisboa*).

“Ah! Eu tenho uns bocados que se me passa assim na balda, se me passar assim na cabeça, vou mesmo, não há crise, não constranjo ninguém, não envolvo ninguém portanto, tento cobrir todas as frentes, mas arranjo, não me considero ... presa, ah não!”. (*Vera, 41 anos, casada, 2 filhas, prof. Do 1º ciclo, licenciada, P.Delgada*).

“tenho a vida toda absorvida, toda, toda, toda. Eu consigo ter um espaço (...) quando cada um está para a escola, e ele está a trabalhar, nessas horas eu posso gerir o meu tempo como eu quero, que é de acordo com as regras que eu tenho que cumprir para que não falhe nada dentro do seio familiar e portanto consigo gerir esse tempo de maneira a poder, de repente sei lá, apetece-me ir para a cidade, olhar para as vitrines, mesmo que eu não vá comprar nada, vou.” (*Leonor, 34 anos, casada, 2 filhas, doméstica, 12ºano, P.Delgada*).

8.1.1 - Um exemplo de espaço liminar – estudar *fora de horas*

A dedicação à vida familiar condiciona o investimento em si e em alguns casos a formação académica é feita quase de modo clandestino.

“eu levantava-me às 5 da manhã e estudava das 5 às 7h30 e depois das 7h30 a minha vida começava normal, não é. Normal pronto, preparar os miúdos para sair para os colégios, essas coisas todas, (...) e o dia era normal, trabalho e tudo até às 9 da noite. Nove, íamos todos deitar, eu mais

os miúdos, contava histórias, para eles adormecerem, ... e agora dormir, 10 horas e estava tudo a dormir, minha gente e depois, às 5 da manhã estava eu acordada outra vez para poder trabalhar, e foi assim que tirei o curso (baixa a voz)". (*Madalena, 46 anos, casada (2ªunião), 3 filhos, assistente universitária, licenciada, P.Delgada.*)

"eu sinto-me realizada, mas agora com o crescimento deles e acho que pronto, acho que eles já têm as suas personalidades, acho que já estão formadas, se calhar agora torne a fazer outra coisa que gostaria de fazer, eu acho que agora se calhar já consigo, mas se eu vir que vou prejudicar muito a minha família, prescindindo, sem problema nenhum e sem mágoa nenhuma, pronto se calhar é uma coisa, eu vou experimentar mas se eu vir que isso vai tirar muito tempo a eles, eu quero primeiro o bem-estar deles todos pronto, as comidas, as roupas, o falar, pronto". (*Rosa, 41 anos, casada, 3 filhos, prof. Do 1º ciclo, bacharel, P.Delgada.*)

"a tese de doutoramento poderia estar mais adiantada ... se eu fosse capaz ...se eu chegasse mais tarde para jantar ou eu... Mas pronto, sinto que me exigem, sinto que exigem a minha presença." (*Matilde, 36 anos, casada, uma filha, assistente universitária, mestrado, Lisboa.*)

A descoberta da importância da **relação consigo mesma** acontece por vezes num quadro de **afastamento da realidade familiar** ou **conjugal** em que se toma consciência da anulação que se é objecto, da perda da sua própria dignidade como pessoa ou pelo contrário do modo obsessivo com que se dedica todo o tempo aos outros, esquecendo-se de si.

No primeiro caso encontramos mulheres que **romperam** com a relação conjugal ou que ainda a vivem mas com muito sofrimento.

"Eu sempre achei que a profissão tinha que estar lado a lado com a família,(...) nem mais acima, nem mais abaixo, de uma forma equilibrada(...)em determinada altura quando a relação (conjugal) começa a ser menos gratificante eu a ver que tinha sido demais e que algumas coisas tinha perdido e não conseguia repor, comecei-me a dedicar-me muito à Enfermagem, ao cuidar, dar às pessoas e assim eu abdicava em detrimento(...) do meu espaço e do espaço familiar"(...) quando eu cheguei da especialidade (de enfermagem) eu acho que amadureci, disse assim eu não posso ceder mais (...) porque corro o risco de um dia eu não ser a Isabel e ser outra pessoa qualquer" (...) eu hoje vejo casais que têm um relacionamento de profundo respeito pelos interesses de cada um que habita um espaço que é do outro e isso é muito importante. Eu acho que é profundamente importante até haver um espaço dentro do ambiente da casa, da estrutura física em que cada um tem o seu espaço até para estar um pouco sozinho porque há vezes que eu gosto de estar sozinha, às vezes que eu estou sozinha por imposição, pronto aí é que dói quando uma pessoa tem uma imposição de estar sozinha". (*Isabel, 41 anos, divorciada, um filho, Enfermeira especialista, chefe de serviço, licenciada, P.Delgada*)

"depois de estar sozinha em casa, foi muito, muito complicado. Senti-me muito sozinha. Muito. Achei que pronto, não tinha ninguém, que estava completamente abandonada. "(*Joana, 38 anos, divorciada, 2 filhos, secretária administrativa, 11ºano, Lisboa*)

A **individualização** é um processo de afirmação do indivíduo num contexto colectivo, o que não anula a importância que este contexto assume para a segurança individual. Nas narrativas acima citadas, onde as mulheres viveram uma ruptura conjugal, a solidão provocada por esse afastamento do parceiro foi sentida inicialmente como uma imposição de um espaço e não como uma afirmação de si mesmas. Em certa medida, a relação conjugal contribuía para a própria segurança individual, e o divórcio provocou medo do futuro e uma certa incapacidade de "tomar conta da sua vida" (Giddens, 1994:65)

Se, por um lado, houve mulheres em que a ruptura conjugal lhes permitiu sentir a importância do espaço pessoal que não possuíam nessa relação, por outro há mulheres que vivem condicionadas pelos parceiros **e deixaram de reivindicar esse espaço para si próprias.**

“eu tirei a carta de condução, agora não conduzo”(…)mas no fundo também digo, como eu vivo muito com o meu marido, acho que é muito melhor eu viver com ele sempre no mesmo carro, porque cada um com o seu carro também acho que é uma separação.”(…) a gente faz tudo juntos. Vamos à praça, vamos fazer compras, vamos juntos à praia, é sempre assim. E eu acho que isso é bom. Acho que até nisso, porque eu vejo em muitos casais, que há uma separação por volta do carro”.(…) Nessas coisas todas da igreja, movimentos e tudo é muito bom quando são os dois. É muito melhor, eu estou muito em paz, porque ele está ao pé de mim, a partilhar a viver.” (*Angelina, 50 anos, casada, 3 filhos, 4ª classe, cabeleireira, P. Delgada*).

Finalmente encontramos mulheres onde a perda progressiva da sua individualidade na relação conjugal é vivida com sofrimento.

“eu quase todas as noites choro, é o meu refúgio, ao menos desabafo”(…)“eu aqui não tenho ninguém com quem desabafar, (…) aqui engordo (…) porque o trabalho é mais, mas pronto o meu corpo eu não posso ter nada na geladeira, eu prefiro não ter as coisas (…) pronto é comer, aquela ansiedade, aquela coisa de comer”. (*Ana Maria, 33 anos, casada, 2 filhas, doméstica, 9º ano, Lisboa*)

8.1.2 - A necessidade de estar consigo e afastar-se dos outros

A construção de um espaço pessoal que permite estar consigo mesmo, implica um afastamento dos outros, o que por vezes é difícil de concretizar no modo como as mulheres constroem o seu quotidiano familiar.

Maria é um dos raros casos que possui um espaço fisicamente só seu, um apartamento que guardou de solteira onde se refugia de tempos a tempos.

“às vezes refugio-me lá. Às vezes faço assim não tou para ninguém, desligo telefés, não.. o telefone de lá ninguém o sabe e daí é o sítio onde estou incomunicável, ou comunicável com quem eu quiser como é óbvio, mas é o sítio onde estou perfeitamente isolada”. (*Maria, 42 anos, solteira, viveu em união de facto, 1 filho, gerente de empresa, licenciada com pós graduação, Lisboa*)

A necessidade de um *espaço pessoal*, nem sempre conseguido ou marginal no quotidiano das mulheres, representa em muitos casos uma necessidade de estar consigo mesma, ou seja poder afastar-se e olhar para si mesma, cuidar de si.

“acho que gostaria de estar de vez em quando sozinha, assim sentada num sítio com vista para o mar, estar ali um bocadinho, sei lá a ler ou sonhar acordada” (*Sílvia, 40 anos, casada, 2 filhos, secretária administrativa, 11º ano, Lisboa*)

“gostava mais era de sair e de fazer como eu quero (…) ai, agora estou mais cansada (risos) às vezes não tenho forças para aturar o pai (risos) às vezes é , apetece-me atirar tudo ao alto e “yah” ir-me embora...”(*Júlia, 35 anos, casada, 6 filhos, doméstica, 6º ano, Lisboa*)

“há dias que eu penso que vou tirar um bocadinho pr’a mim, vou sair com... pronto com pessoas da minha idade; não sou assim tão velha, só tenho 32 anos, não é? (...) conviver um bocadinho, estar um bocadinho fora, uma horas, duas horas fora sem... sem marido, sem o filho, estar só eu, só eu e não pensar em mais nada, porque eu estou aqui mas estou a pensar nos miúdos (...) estou aflita por causa das horas. Eu gostava de só pensar em mim, não ter que pensar em mais nada, nem fazer o almoço, nem jantar, nem nada, pensar só em mim”. (*Natacha, 32 anos, casada, dois*)

filhos, doméstica com algum trabalho remunerado (serv.dom.) , 5ª no de escolaridade, Lisboa)

8.2 - Lugares e tempos de auto-realização

Como vimos a relação da mulher consigo mesma é muitas vezes secundarizada.

Gostaríamos agora de identificar, para aquelas que o referiram ou que manifestaram o seu ideal, sob que formas encontramos esse espaço/tempo pessoal. De um modo geral o espaço pessoal define-se por ser algo que valoriza o prazer, permite uma expressão artística ou lúdica, um investimento intelectual ou estético na própria pessoa. São esses os lugares que se desejam como espaços pessoais

8.2.1 - Tirar um curso por prazer de estudar

Para algumas mulheres a formação universitária representa um lugar de realização pessoal, um sonho antigo que ficou adormecido mas que, havendo uma oportunidade, mobiliza de forma clara para um regresso à condição de estudante:

“o curso tornou-se extremamente importante, ele ganhou importância desde o dia que eu concorri para a Universidade e entrei, só que acabou por perdê-la dado que era muito complicado, quando houve aquela possibilidade de eu recomeçar cá, aquilo foi mesmo aquela luz no fundo do túnel que eu quis agarrar a toda a força...” (...) “ de certa forma a minha actividade partidária tem vindo a ser prejudicada pelos estudos, porque eu tenho que fazer opções e mesmo em relação ao emprego eu ponho o estudo na frente porque eu não posso adiar mais, se tiver que adiar alguma coisa, não a família porque a família tem prioridade, mas tudo o resto eu tenho que adiar em relação aos estudos”.(Ema, 37 anos, casada (2ª união), 2 filhos, desenhadora, frequenta o 2ª no da universidade, P.Delgada)

“ a vida de estudante é importantíssima porque me divirto imenso. Aliás eu já disse, vocês que me peçam tudo, menos desistir da faculdade, porque é onde eu me divirto (...) é um espaço meu e é fundamental e eu só funciono bem se tiver este espaço (...) O meu marido tem que ter o espaço dele que é aos sábados à noite vai ter com os amigos para discutir futebol. Coisa que eu acho que nem sei como consegue discutir com as pessoas, com as pessoas que são, mas compreendo que tenha que ser assim.” (Lurdes, 43 anos, solteira, vive em união de facto, 1 filho, enfermeira e professora, mestrado, estudante universitária, Lisboa)

“ A Universidade é uma experiência que é só mesmo comigo. Às vezes falto às aulas, mas é muito raro”(Sofia, 29 anos, casada, 2 filhas e grávida de 4 meses, estudante universitária e doméstica, Lisboa).

Este investimento em si própria nem sempre passa pelos estudos, muitas vezes interrompidos precocemente, deixando na memória uma mágoa e uma certa frustração.

“gostava de ter tirado um curso, nunca tirei por falta de tempo, tá a ver?”(Gilda, 48 anos, casada, 2 filhos, assistente administrativa, 9ºano, Lisboa)

8.2.2 - Trabalhos de mulher- criatividade estimulada

O espaço pessoal é sobretudo uma “frincha” que se aproveita num território colectivizado, uma “nesga” entre dois momentos do dia, uma margem

desaproveitada, entre o arrumar a cozinha e o descanso. Em muitos casos esse espaço é preenchido por trabalhos manuais. Um tempo de paragem no correr do dia, onde as mãos ocupadas no *tricot*, na renda ou na costura interrompem uma rotina de cansaço; espaços de prazer que fazem reencontrar os “quartos de costura” que outrora marcavam as residências com algum capital económico, ou mesmo o “cantinho da costura” que as mulheres organizam nas varandas ou nas marquises ou como ainda é frequente em aldeias rurais, à porta de casa, sentadas no degrau da entrada.

“há a costura, a costura essencialmente de coisas grandes(...) toalhas, cortinados (...) é assim meio costura, meio bricolage (risos); (...) dá-me gosto, dá-me gosto tar ali à volta da máquina”(Marta, 35 anos, casada, um filho, assistente universitária, mestrado)

“gosto de fazer crochet, descanso. Gosto de estar ali (...) ando com uma toalha há seis anos!”(Amélia, 37 anos, casada, 2 filhas, prof. Do ensino secundário, licenciada)

“gosto imenso de coser (...)fazer roupas não (...) coisinhas para a casa. Faço e gosto imenso”(Alice, 37 anos, divorciada, 2 filhos, economista, licenciada.)

O trabalho manual é ao mesmo tempo criativo e permite uma interrupção das actividades rotineiras, expressando competências que foram adquiridas numa socialização feminina, onde as artes de mãos integravam por excelência a educação das raparigas, quer em casa quer mesmo nos curricula escolares (“os labores”).

Para além dos trabalhos de mãos, algumas mulheres referem encontrar um espaço para si na leitura, em alguns casos uma prática que remonta aos tempos da sua infância/adolescência;

“quando o pai me proibia de ir às festas, ficava com imensa pena mas também digolhe que ultrapassava; ia para o meu mundo, para os meus livrinhos, para os meus estudos” (...)” gostava sempre, ainda hoje são os livros e os filmes”. (Helena, 44 anos, casada, 2 filhos, doméstica, 2ºano da faculdade.)

“guardo alguns bocadinhos para ler um bocado, estar um bocado comigo essencialmente quando me deito, antes de dormir, ou por vezes ao fim de semana, se ele (o meu filho) está portanto em casa dos meus sogros e ele está com os amiguinhos dele lá a brincar com a bicharada, sou capaz de estar mais afastada, tou ali, mas tou a ver...” (Marta, 35 anos, casada, um filho, assistente universitária, mestrado, Lisboa).

“se eu estou a ler os jornais, não gosto que me interrompem, mas tudo é relativo” (Helena, 44 anos, casada (2ª união), 2 filhos, doméstica, 2ºano da faculdade, Lisboa).

“(gostaria de poder) ler (risos) gosto muito de ler e ouvir música. Mas agora vou-me deitar a dormir... a televisão não me interessa.” (Carenina, 48 anos, casada, uma filha, costureira, 8ºano de escolaridade)

8.2.3 - Que não me interrompam!

A construção do *espaço pessoal* exige um afastamento dos outros, um centramento em si mesmo e isso por vezes é feito à custa de um “bloqueio” voluntário da interferência de outros; ao mesmo tempo que *não estão para ninguém*, *sacralizam* alguns minutos durante o dia, mesmo que não estejam sozinhas, ninguém está autorizado a interromper e a entrar nesse espaço que elas próprias se reservaram.

“na hora da telenovela, à noite, (era) o espaço que eu tinha para mim, porque eu estava a ver a telenovela e dizia, “agora sou eu e não me chateiem a cabeça”(...) eu tenho momentos para mim, mas agora filmes ou livres eu adormeço! Também

levanto-me às 6 da manhã.” (Anabela, 41 anos, solteira em união de facto, 2 filhos, enfermeira, professora-adjunta, mestrado, Lisboa).

“o meu momento de liberdade, como eu chamo, é quando tomo banho, detesto que me interrompem, está a ver?” (Helena, 44 anos, casada (2ªunião), doméstica, freq. da universidade, Lisboa)

8.2.4 - Um tempo para eu pensar em mim

O *tempo pessoal* além de estar centrado em *ego*, nos seus interesses ou no prazer que lhe dá desenvolver determinada actividade, é também um tempo onde a mulher **olha para si mesma** e encontra o seu próprio corpo, a sua imagem. O cabelo representa um dos aspectos corporais onde a relação consigo é mais intensa. Cuidar do cabelo representa muitas vezes a única oportunidade de cuidar de si.

Outro dos espaços onde a mulher sente prazer, é o consumo, não para satisfazer as necessidades do agregado, mas quando pode gastar dinheiro consigo ou com os outros por prazer de comprar.

“eu tenho um espaço para mim, quando quero ir ao cabeleireiro vou, quando entendo que vou comprar alguma coisa, vou comprar, não tenho problemas nenhuns” (nês, 34 anos, casada, 2 filhos, 4ªclasse, operária têxtil, Lisboa)

“às vezes eu gasto bastante dinheiro, porque vou fazer as compras todas e às vezes tenho necessidade de ir às compras (...) detesto ir com ele porque ele é sempre muito calculista e ele tá ali a ver o preço disso, daquilo e eu não, já não vou tanto com essa preocupação”. (...) “(quando vou à natação) “Pronto, é sair, ... quando me visto, sou outra pessoa.(...) esqueço-me completamente. É é uma coisa relaxante, pronto faz-me muito bem”. (Sofia, 29 anos, casada, 2 filhas, grávida de 4 meses, estudante e doméstica, 2ºano da faculdade, Lisboa)

“gostava de ser feliz desse modo; trabalhar de manhã, à tarde ir às compras, se for preciso gastar vinte, trinta contos comigo. Podia ser, ser assim, sabe feliz. (...) ser independente um bocadinho, assim feliz comigo, comprar coisas pr’a mim. Arranjar o cabelo, ir ao cabeleireiro, e...pintar-me”. (Natacha, 32 anos, casada, 2 filhos, doméstica com algum trabalho remunerado (serv.dom.) 5ºano de escolaridade, Lisboa).

8.3 - Entre os outros e eu própria – a afirmação da individualidade

Para além de permitir a expressão da *autoidentidade*, a existência de um *espaço pessoal* representa a própria liberdade individual, a afirmação do ego num contexto colectivo. No caso das mulheres que foram objecto deste estudo, verificamos que o contexto doméstico, enquanto espaço colectivo, pode ser considerado um cenário de referência no quotidiano feminino. Construir um *espaço pessoal* implica uma certa ruptura em relação a este espaço dominante, de forma que a mulher se afirme de forma positiva em relação aos outros e para consigo mesmo. François de Singly utiliza o conceito de *descerrar-se* (*desenfermement*) em relação ao lugar, posição ou estatuto:

“l’individu ne peut pas être réduit à cette définition externe, il est aussi ailleurs, il cache un soi.” (1998:42).

Como podemos verificar, esta busca de si mesmo nem sempre é facilitada quando o contexto condiciona e controla, normativamente e até moralmente, esse indivíduo.

“sinto que precisava de não ser limitada. (...) Porquê nunca fiz nada? não sei! Como para outras coisas que eu gostava de ter feito, porquê eu nunca fiz? Uma parte de

mim quer e há outra parte de mim que não” (*Gilda, 48 anos, casada, 2 filhos, assistente administrativa, 9º ano, Lisboa*)

Entre o *ser para os outros* e o *ser para si*, a mulher tem dificuldade em optar, em introduzir um espaço centrado em si, aparentemente individualista, por ventura entendido pelos outros como “egoísta”.

Muitas destas mulheres foram educadas desde cedo olhando para a casa como um espaço central na realização do ser mulher “na rua brincam os rapazes e se eu ia um bocadinho para a rua brincar com as outras, daqui a um bocadinho ela chamava-me logo (risos)” (*Carenina, 48 anos, casada, uma filha, costureira, 8ºano, Lisboa*). E a grande transformação face ao modelo da esposa-mãe-doméstica é possuir um trabalho remunerado fora do lar, um espaço exterior que exige sair de casa e favorece o convívio com outras pessoas.

Se, por um lado, nem todas as mulheres encontram um espaço pessoal no contexto familiar, outras há que afirmam sentir-se autónomas e mais libertas dessa pressão quotidiana na medida em que possuem uma actividade profissional. Sem esta sentir-se-iam *presas*, “fechadas entre quatro paredes”.

“quando eu comecei a trabalhar, comecei a ganhar a minha autonomia, comprava, comprava fiado e todos os meses dava dez contos. (...) Embora o meu marido não gostasse (...) eu antes tinha de pedir para isso, então eu disse “eu vou é tomar a autonomia, vou tomar a liberdade, a iniciativa de ir comprar”.(...) ele dava-me pancada porque eu ía para a igreja, porque ele queria que eu ficasse em casa, não podia sair.” (...) ele dizia a mulher é feita para ficar em casa a tomar conta dos filhos. E eu disse-lhe “eu trabalho e também tenho direito a um ida por semana, assim como tu tens direito de ir à pesca, tens direito para ir ao futebol eu também tenho o direito de ir à igreja, não é para cinemas, discotecas, não é para andar por aí” .(*Berta, 49 anos, casada, 4 filhos, cozinheira, 4ªclasse, P.Delgada*).

“o género de viver só, só a vida familiar, só para eles, eu acho que eu nunca cheguei, por outro lado, não sei se conseguiria aguentar muito tempo, estou *muito* habituada a ter outras necessidades, e mesmo eu vejo agora em férias, acabo por implicar ainda mais porque tenho mais tempo.(...) Acho que as duas coisas, (trabalho e família) compõem-se” (*Gabriela, 33 anos, casada, 2 filhos, licenciada, prof. Do ensino secundário, P.Delgada*)

“A partir do momento que eu não sou realizada cá fora, vou ser uma pessoa que também dou más respostas (...) Não pode, dentro da minha cabeça, para a minha estabilidade emocional, isso tem que estar tudo equilibrado”. (*Andreia, 40 anos, casada, 2 filhos, prof. Do 2º ciclo, licenciada, P.Delgada*)

“o trabalho não era uma questão só (de independência económica), porque eu andava fechada, no género quatro paredes, (...) eu sentia-me presa e ao mesmo tempo sabendo que já tinha estado a trabalhar (...) eu comecei a ficar saturada e achava-me muito nova pr’a estar fechada dentro de quatro paredes”.(*Alda, 33 anos, casada, um filho, socia-gerente de uma pequena empresa, 11ºano, P.Delgada*)

“o que me dá mais gozo é estar no emprego. Em casa tou sozinha, ali tou convivendo e pronto a gente vai falando, vai conversando e em casa tou sempre em casa sozinha” (*Encarnação, 43 anos, solteira em família monoparental, 5 filhos, 4ª classe, P.Delgada*).

Para algumas destas mulheres a saída de casa e da pressão doméstica representa o encontro consigo próprias, a descoberta de outras competências que não as meramente domésticas o que não implica que não invistam de forma intensa nesse quotidiano rotineiro, uma vez que a partilha desse universo é reduzida ou nula.

8.3.1 - Encontrar-se e libertar-se da violência doméstica

Em alguns casos, a insegurança económica, o desemprego do marido ou o alcoolismo, condicionam de tal modo a vida dessas mulheres que apenas aspiram a libertar-se, nomeadamente através de um trabalho remunerado, com o qual possam garantir a sua sobrevivência ou simplesmente viver fora de um contexto familiar agressivo.

“Se eu pudesse, pr’a outra encarnação que a gente diz que temos, eu queria ser independente, ou uma mãe solteira. Verdade! Ou um filho ou dois ou três, que eu pudesse sustentar, se eu pudesse!... sem homem, não interessa!.(Corália, 45 anos, casada, 8 filhos, auxiliar de acção educativa, 4ª classe, PD)

“se eu pudesse ir pr’ali (uma casinha que era das velhinhas) com os meus filhos!? Com os mais pequeninos e com os meus netos. Desenrasco-me.”(...)“Dês me livre se eu los metesse fora. E se eu fizesse os avortes, como tá pr’aí agora, eu nunca disminchei, não sei o que é, se eu ficá, eu hei-de m’amanhar”. (Susana, 47 anos, casada, 14 filhos, doméstica, 2ª classe, PD).

9. Individualização no contexto familiar

Depois de analisarmos as diversas narrativas, percebemos o quanto o *espaço pessoal* é uma realidade marginal no quotidiano de muitas mulheres. Os filhos, a casa, dominam e centralizam a vida, mesmo para as que exercem uma actividade profissional.

O espaço doméstico é facilmente confundido como o espaço privado e, nesse sentido, dificilmente se consegue ou se procura introduzir nesse mundo privado, um espaço/tempo onde o doméstico não seja central.

O *espaço pessoal* implica uma privacidade centrada em *ego* e não na dinâmica familiar e, algumas mulheres, sentem necessidade de distinguir a sua condição de *mãe* do *ser mulher*. A mulher exige libertar-se da pressão dos outros, o que nem sempre significa deixar de realizar tarefas domésticas, que para algumas até representam um espaço de realização, mas sobretudo possuir um espaço próprio de auto-realização onde o centro de interesse seja próprio, lhes confira prazer e em alguns casos, seja um espaço criativo onde outras competências, nomeadamente as artísticas, intelectuais ou corporais possam ter livre expressão.

Encontrar-se consigo exige um afastamento dos outros, ou pelo menos uma menorização temporária das suas necessidades e interesses. É o contraponto da realização pelo dom aos outros que se transforma num dom a si mesma.

De um modo, por ventura substitutivo, a mulher que não investe em si mesma naquilo que são as suas competências, transfere essa atenção para o consumo e encontra prazer no acto de comprar.

Em suma podemos definir *espaço/tempo pessoal* como sendo uma dimensão identitária cuja acção se caracteriza por:

- estar centrada em *ego* (*não interessa a mais ninguém ou interessa-me em primeiro lugar*)
- dar asas à expressão criativa (artística, literária ou outra) individual
- romper com as rotinas e a organização do espaço colectivo
- não permitir a interferência de outros, nem ser resposta às suas expectativas.
- Contribuir para o bem-estar pessoal (relaxa, dá prazer, diverte, liberta)
- Diminuir a pressão e a intensidade das responsabilidades que resultam dos papéis socialmente definidos
- e permitir centrar-se em si mesmo, sem sentimentos de culpa ou remorsos.

10. Conclusão

Procuramos ao longo deste trabalho identificar a importância que a individualização da mulher assume no contexto familiar, olhando esse processo através da existência de um espaço pessoal, um tempo em que seja possível fazer o que cada mulher bem entende, um lugar onde olhe sobretudo para si ou seja, um tempo em que pense em si de forma prioritária.

Verificamos que essa dimensão identitária é reduzida no quadro desta população de mulheres, vivendo em conjugalidade e com filhos. O mundo doméstico confunde-se com o mundo privado e a esse nível o *ser íntimo* fica reduzido por vezes a um espaço marginal, liminar ou mesmo *entresticial*; “quando todos dormem”, “na casa de banho”, “na hora da telenovela”, “quando consigo me recolher no quarto”.

A necessidade de um espaço pessoal é sentida por muitas das mulheres mas nem sempre concretizada. Quando consideramos as características que esse espaço possui, segundo as narrativas estudadas, concluímos da importância que este significa para as mulheres e, talvez por isso, as que exercem uma actividade profissional consideram o sair de casa e o contactar com outras pessoas, um modo de investir outro potencial que não apenas as competências domésticas. Daí que, o emprego possa contribuir para alguma satisfação pessoal porque responde à necessidade de não ficar fechada entre quatro paredes. Tal não invalida que são os filhos o eixo central da sua realização e por eles podem por em causa a própria vida profissional, nomeadamente recusar oportunidades de carreira que exijam maior investimento pessoal.

A *identidade* não é de modo nenhum um somatório de papéis, nem pode ser desligada dos percursos pessoais ou seja da temporalidade que constrói e reconstrói ou reorganiza esses percursos. A *identidade* é, do ponto de vista sincrónico, um *mapa espacial* onde se conjugam estatutos e papéis e onde os actores procuram, por vezes, introduzir lugares de ruptura, frinças de prazer pessoal cujo centro de acção não é um instituição ou um estatuto mas a sua própria pessoa em quem investem de modo central. A *identidade* pessoal, a *auto-identidade* passa também por essa capacidade, por vezes ofuscada, de se ver a si mesmo, de se distanciar dos contextos colectivos, em particular da família, e de aí introduzir um espaço privado individual que não se confunda com o espaço doméstico.

“não incomodem, não estou disponível” pode ler-se “à porta” do *espaço pessoal*.

Ou como disse um dia o poeta Al Berto,
“deixei de estar disponível, perdoa-me se não posso deixar de ter saudades do meu próprio corpo” (*Horto de Incenso*)